

Decadência das cidades.

1 "Civilização" significa vida na cidade, e "cultura" vida no
2 campo. (Embora no uso anglosaxão "cultura" signifique civilização pri
3 mitiva, e no uso alemão "civilização" signifique o aspecto material da
4 cultura. É característico da atualidade que os abusos de termos lati
5 nos pelo pensamento germânico dominem o próprio pensamento latino.)
6 Portanto: já que somos "civilizados", somos cidadãos, isto é: incult
7 tos. Os valores do civilizado são civildade, civismo e civilismo. A
8 cultura é desprezada por sua vilania, (= próprio da vila), e por seu
9 paganismo, (= próprio da paisagem). Os valores do culto são os valo
10 res da colheita, (por exemplo da agricultura). Portanto: da domesti
11 cação do agreste. Em suma: a civilização é política, a cultura é pri
12 vada. Porque para o civilizado, sendo cidadão, o problema é o outro
13 homem, e para o culto, sendo campones, o problema é a natureza.

14 A revolução agrícola, a qual mecanizou a agricultura dos Es
15 tados Unidos nos anos 30, da Europa Ocidental nos anos 50, e dos esta
16 dos socialistas atualmente, despovoou o campo e está liquidando a cul
17 tura. A poluição, a criminalidade e a revolução dos meios de comuni
18 cação estão atualmente despovoando as cidades europeias e americanas,
19 e vão liquidar a civilização portanto. Vai surgindo um novo tipo de
20

vida, nem civilizado nem culto, a vida suburbana. E este novo tipo de vida vai criando um novo tipo de homem.

A cena está mudando. As indústrias passam a ser oáses verdes no campo, cercadas de residências ajardinadas. Shopping Centers formam grandes nós nas redes rodoviárias que cobrem densamente a paisagem. Bancos, repartições, escolas, salas de música e teatros ocupam, em violenta descentralização, os espaços tornados vagos pelo despovoamento das aldeias. O "milagre econômico" se manifesta na opulência deste tipo de vida, e os remanescentes da miséria se concentram nas grandes cidades. Morar na cidade passou a ser sintoma de pobreza. E a diminuição da população urbana passou a ser medida do progresso. Este é um aspecto importante da atualidade.

Cria problemas. Nem civilizado, nem culto, como será o homem depois das cidades terem totalmente decaído? Nem político, nem privado? Nem o outro homem, nem a natureza lhe serão problema? Quem o tédio tomará conta dele? Ou encontrará um novo tipo de motivação para viver vida cheia? Isto é uma das tarefas mais empolgantes para o futuro imediato. Enquanto isto, as cidades brasileiras continuam crescendo, em concorrência entre si e com as cidades asiáticas e afri-

Posto Zero

Decadencia das cidades

VILÉM FLUSSER

"Civilização" significa vida na cidade, e "cultura" vida no campo. (Embora no uso anglosaxão "cultura" signifique civilização primitiva, e no uso alemão "civilização") signifique o aspecto material da cultura. É característico da atualidade que os abusos de termos latinos pelo pensamento germânico dominem o próprio pensamento latino.) Portanto: já que somos "civilizados", somos cidadãos, isto é: incultos. Os valores do civilizado são civildade, civismo e civilismo. A cultura é desprezada por sua vilania, (próprio da vila), e por seu paganismo, (- próprio da paisagem). Os valores do culto são os valores da colheita, (por exemplo da agricultura). Portanto: da domesticação do agreste. Em suma: a civilização é política, a cultura é privada. Porque para o civilizado, sendo cidadão, o problema é o outro homem, e para o culto, sendo campones, o problema é a natureza.

A revolução agrícola, a qual mecanizou a agricultura dos Estados Unidos nos anos 30, da Europa Ocidental nos anos 50, e dos estados socialistas atualmente, despovoou o campo e está liquidando a cultura. A poluição, a criminalidade e a revolução dos meios de comunicação estão atualmente despovoando as cidades europeias e americanas e vão liquidar a civilização portanto. Vai surgindo um novo tipo de vida, nem civilizado, nem culto, a vida suburbana. E este novo tipo de vida vai criando um novo tipo de homem.

A cena está mudando. As indústrias passam a ser oases verdes no campo, cercadas de residências - ajardinadas. Shopping Centers formam grandes nós nas redes rodoviárias que cobrem densamente a paisagem. Bancos, repartições, escolas, salas de música e teatros ocupam, em violenta descentralização, os espaços tomados vagos pelo despovoamento das aldeias. O "milagre econômico" se manifesta na opulência deste tipo de vida, e as remanescentes da miséria se concentram nas grandes cidades. Morar na cidade passou a ser sintoma de pobreza. E a diminuição da população urbana passou a ser medida do progresso. Este é um aspecto importante da atualidade.

Xadrez

Lá está o tabuleiro de xadrez com suas 32 peças. Curioso aglomerado de coisas. Plano coberto geomêtricamente por 64 quadrados escuros e claros, a própria imagem do iluminismo. E 32 peças de madeira barrocas. Como captar a essência desse grupo de coisas?

Tomem o peão como exemplo. O essencial nele não é que seja madeira, nem amarelo, nem que tenha a forma de pagode em caricatura, nem sequer que tenha sido feito com o propósito de fazer parte do jogo. O essencial nele é isto: poder avançar verticalmente e poder comer diagonalmente. É sua essência formar pares diagonais poderosos e pares verticais importantes, e poder fazer o salto dialéctico em dama na última fileira. Tal essência, latente no peão, torna-se patente no jogo, e na reflexão, (como agora).

Tomem a torre como exemplo. Lembra as torres mouriscas nas praças de Andalucia, e isto não pode ser acaso. Diz respeito à história do jogo. Mas, o aspecto histórico não é a essência da torre, embora os historicistas, (dialécticos ou não), possam afirmá-lo. A sua essência, pelo contrário, é esta: poder dominar, qual tanque irresistível, em sentido horizontal e vertical o campo todo, arrazar tudo no seu avanço, mas ser impotente diagonalmente. Essência contraditória esta. Domina o caráter da torre. No início se esconde, tímida, no seu canto. No meio do jogo torna-se orgulhosa e brutal, para mudar imperceptivelmente no desenvolvimento do jogo. Procura cercar astutamente os peões diagonais que castram, em sua humildade aparente, a sua potência dominadora. Se conseguir cercá-los, perpetra um genocídio impiedoso nas fileiras do inimigo. No final, no entanto, procura barrar o avanço de um único peão antes desprezado, e requer a proteção do próprio Rei em tal tarefa humilhante. A essência da torre é o heroísmo de um determinado tipo, não muito belo.

Como conseguiu a reflexão desvendar a essência enxadristica das peças? Certamente não olhando as peças ingenuamente e sem preconceitos. Mas recorrendo ao conhecimento do jogo. Quem ignorar o jogo nada jamais descobrirá a respeito. As peças

3

Cria problemas. Nem civilizado, nem culto, como será o homem depois das cidades terem totalmente decaído? Nem político, nem privado? Nem o outro homem, nem a natureza lhe serão problema? Quisá o tédio tomará conta dele? Ou encontrará um novo tipo de motivação para viver vida cheia? Isto é uma das tarefas mais empolgantes para o futuro imediato. Enquanto isto, as cidades brasileiras continuam crescendo, em concorrência entre si e com as cidades asiáticas e africanas.

de xadrez são artificiais obras de arte. Quem procurar descobrir a essência de uma obra de arte... ingenuamente, ("fenômeno logicamente"), não será, receio, muito bem sucedida. O conhecimento do jogo é, creio, indispensável.

Diz Omar Khayyam que tudo isto aqui não passa de tabuleiro de xadrez, coberto de dias e noites, no qual o Destino joga, usando-nos como peças. Se quisermos descobrir a essência de tal jogo do qual somos peças, devemos tentar conhecer-lhe as regras.